

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O COTIDIANO DAS ESCOLAS – EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS

Sandro Carravetta da Costa
Boletim Gaúcho de Geografia, 24: 140-142, maio, 1998.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39281/26333>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1998

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

Atualmente, algumas bancas estão sendo vendidas devido a certos fatores econômicos e, principalmente, pela ocupação dos “camelôs” no seu entorno. Com relação à saída dos “camelôs” para um outro local, em geral, tanto os proprietários como os empregados são a favor (80%). Segundo eles, o trânsito de pessoas e veículos será maior. Já os comerciantes que estão instalados há pouco tempo permaneceram neutros em relação a esta questão, pois nunca trabalharam sem os “camelôs”. Outros se beneficiam com os “camelôs”, pois fornecem refeições ou alugam o espaço para guardar produtos.

Já os “camelôs” não concordam em sair da área central (Mercado Central). Alegam que diminuiriam as suas vendas. Recentemente, a Prefeitura Municipal anunciou uma mudança da sua localização para outro área do centro da cidade, mas esta ainda não foi concretizada.

“Segundas” conclusões (...e a pesquisa continua!): Constatamos a importância de uma organização com relação ao espaço público e à utilização do mesmo que leve em consideração os aspectos arquitetônico e cultural do Mercado Central e de seu entorno.

Essa relação entre a economia informal com a formal tem sido alvo de muitas discussões e polêmicas, uma vez que camelôs e proprietários não conseguem solucionar o problema existente. Esse conflito faz parte da sociedade que está sempre em evolução.

A localização espacial dos “camelôs” na cidade de Pelotas necessita urgentemente de uma solução, pois a regulamentação urbanística da cidade está sendo desrespeitada e ultrapassada pela realidade. A própria infra-estrutura para o trabalho dos “camelôs” está saturada, deixando a desejar para os próprios usuários.

O Mercado Central de Pelotas precisa recuperar seus verdadeiros laços históricos para demonstrar o seu valor perante a sociedade tanto urbana como rural, pois não são as áreas públicas que prejudicam esse ou aquele comércio. A concorrência faz parte desse processo econômico que estamos vivendo. O verdadeiro vendedor ambulante abandona a informalidade, deixa de ser ambulante e passa a ser fixo – ele precisa trabalhar, todos possuem este direito. Não podemos nos iludir com questões ideológicas, precisamos partir do real, para chegar no mais abstrato. Nem todos os fatores são visíveis aos nossos olhos. Nossa pesquisa tem desvendado importantes questões para o tema, sendo inclusive apresentada nos meios de comunicação social da cidade. Esperamos que ela seja uma contribuição da Geografia na discussão da sociedade e da cidade a partir da leitura do seu espaço.

* Acadêmica no curso de Geografia da UFPel.

O COTIDIANO DAS ESCOLAS – EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS

*Sandro Carravetta da Costa **

O presente trabalho¹ tem como objetivo apreender e compreender o cotidiano da escola pública, no seu contexto organizacional, didático-pedagógico e comunitário. A partir dos conhecimentos adquiridos com a vivência escolar faz-se uma análise das relações da cotidianidade na escola. Através da experiência do dia-a-dia, vivenciam-se relações verticais e horizontais em constante contradição.

De um modo geral, o cotidiano da escola apresenta-se num contexto de permanente superação, onde a necessidade de uma funcionalidade já estabelecida gera uma certa contradição com propostas e práticas novas. Ou seja, de um lado os indivíduos envolvidos no processo – professores, alunos e pais de alunos – atuam com uma certa solidariedade, no sentido de manter a funcionalidade da escola. Esta solidariedade, presente na escola, num certo momento, pode ser lida como alienação por parte dos indivíduos. Pode-se, então, identificar a escola como um lugar de rotinas, mas onde o imprevisto é aceito como norma. Isto ocorre freqüentemente nas escolas, onde nos deparamos com uma professora de História lecionando Geografia ou uma professora de Literatura atendendo na Biblioteca ou, até mesmo, servindo de merendeira. Neste espaço rotineiro as relações ocorrem de forma harmônica, todavia não harmoniosa, onde a busca de superação dos problemas emergentes fortalece a funcionalidade estabelecida e expressa os desafios que os professores e alunos enfrentam diariamente. De outro lado, a desvalorização dos profissionais em educação gera uma articulação que pode contradizer tal solidariedade, na medida em que provoca a mobilização de professores através de constantes paralisações e greves, na busca da melhoria na qualidade de ensino. O ato de parar, fazer greve, constitui uma manifestação de uma outra dimensão da solidariedade, aquela que se encaminha para a possibilidade de mudança.

Percebe-se, num dado momento, uma certa duplicidade na cotidianidade da escola. O cotidiano apresenta-se flexível e ao mesmo tempo ambíguo, na medida em que os indivíduos que o constroem estão envolvidos por determinadas regras, mas buscam outras formas de se relacionarem e se manifestarem. Neste sentido, as relações verticais e horizontais, que se apresentam em contradição, expressam uma interação entre rigidez e plasticidade. A rigidez reflete as normas e os procedimentos que regulamentam a escola e estabelecem as diretrizes para seu funcionamento, para nós visíveis, através dos regimentos internos, da carga horária a ser cumprida, dos conteúdos programáticos a serem vencidos, etc., enquanto que a plasticidade pode ser vislumbrada através da espontaneidade que expressa a autonomia dos indivíduos para se comportarem e condicionarem da melhor maneira sua vida, o que, por exemplo, proporciona ao professor a liberdade de ministrar sua aula da maneira que lhe convier. Esses dois constituintes da prática escolar, convivendo de forma harmônica, estabelecem aquilo que entendemos como resistência. Neste sentido, a escola representa o espaço de confluência desta relação. Em outras palavras, no momento em que a liberdade e autonomia (plasticidade) são extrapoladas, entra em ação um “contra-reforço”, representado através das normas e regras da escola (rigidez), estabelecendo desta forma, a relação de resistência, de duplo sentido. Resistência às normas, portanto plasticidade (greve), e resistência às mudanças, portanto rigidez (norma de conduta de alunos e professores, estabelecidos por regimentos e/ou cultura da escola).

¹ Segmento do Subprojeto: O Cotidiano do Ensino de Geografia nas Escolas de 1º e 2º Graus, vinculado ao Projeto do Fórum das Licenciaturas: Novas Políticas e Novas Práticas Curriculares em Formação de Professores e Professoras: Por um Duplo Movimento das Licenciaturas da UFRGS. São co-autores do trabalho: Daniel Vater de Almeida, Dorival J. Reis da Silva, Gilson de Lima Brisolara, Jorge Arigony Neto, Rafael Lacerda Martins, Rejane Gheno e Viviane Saad Dutra. Orientadores: Prof^ª. Dr^ª. Dirce M. Antunes Suertegaray e Prof. Dr. Luís Alberto Basso

Percebe-se que ao analisarmos qualquer definição de cotidiano, dentro de todo este contexto, mesmo que traga os mais diferentes enfoques, não podemos deixar de lado o simples que é a idéia de cotidiano, como tudo aquilo que vivemos diariamente e que, de uma forma ou de outra, possui uma certa repetitividade em nossas vidas. Por outro lado, como já pudemos constatar, o cotidiano não entra em contradição com a espontaneidade, que pode ser vista também como uma característica da cotidianidade. Neste sentido, pode-se conceber a escola como lugar ou espaço, visto também como palco desta cotidianidade, se o encararmos como dimensão espacial. Podemos inclusive afirmar que é ali que se estabelece uma dimensão importante da nossa vida, na qual por mais fortes que se manifestam as verticalidades, nossas horizontalidades se expressam de uma forma bem peculiar e, mesmo que não tenham forças para se impor sobre as primeiras, nunca se apagam, mas ficam escondidas, e necessitamos ser bons observadores para que se possa vê-las por trás das verticalidades impostas pelo mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, C. R. & MESQUITA, Z. *Territórios do Cotidiano. Cotidiano ou Quotidiano?* Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: EDUFRGS/Ed. UNISC, 1995.
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la Vie Quotidienne*. Paris: L'arche Éditeurs, 1995.
- MARQUES, Mário Osório. "O Mundo da Vida Cotidiana e a Educação". *EDUCAÇÃO E CONTEXTO*. Abr/Jun. 1991, Ed. UNIJUÍ. p. 30-37.
- SANTOS, Milton de Almeida. "Por Uma Geografia Cidadã: Por Uma Epistemologia da Existência". *BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA*, n. 21, Porto Alegre/Passo Fundo. AGB-PA/Ed. UPF, 1996.
- SANTOS, Milton de Almeida et alli (org.). *A Aceleração Contemporânea: Tempo Novo e Espaço Mundo*. In: *O Novo Mapa do Mundo. Fim de Século e Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. "Conceito de Cotidiano. Um Instrumento Metodológico ou um Modismo?" *EDUCAÇÃO E CONTEXTO*. Abr/Jun. 1991, Ed. UNIJUÍ. p. 9-13.

* Graduando no Curso de Geografia da UFRGS e Bolsista do Fórum das Licenciaturas/UFRGS/FINER.

DETERMINAÇÃO DO BALANÇO HÍDRICO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO JACUÍ-RS

*Siziane Maria Koch **

Este trabalho realizou-se no Centro de Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de março de 1996 a janeiro de 1997, e teve como objetivo o cálculo de Balanço Hídrico da área de drenagem da Bacia Hidrográfica do rio Jacuí.

A área de estudo é a região da Bacia do rio Jacuí, que se localiza no centro do Estado do Rio Grande do Sul. É limitada ao sul pela Bacia do rio Camaquã, a leste pela